

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS
TRATAMENTO EDITORIAL DE TEXTOS
Professora Dr^a Luciana Salazar Salgado

Nome: Amanda Guimarães

RA: 503398

Roteiro: Copyright, uma história.

Entra música de história infantil; abre cortina vermelha.

Cenário de madeira que vai mudando e se move.

Efeito de filme antigo.

Entra narrador (fantoche de rapaz jovem vestido casualmente).

Cenário escuro e empobrecido, com uma bolinha de feno rolando ao fundo para representar o vazio.

NARRADOR: Era uma vez, no mundo em 1350, época onde a peste negra se disseminou, uma igreja muito abalada. Na verdade, as igrejas em toda a Europa se encontravam fortemente abaladas em vários sentidos, uma vez que estavam quase vazias. Quase não havia mais monges escrivães, nem outros tipos de monges ou freiras: as famílias não podiam se dar ao luxo de mandar para a igreja os poucos membros que haviam sobrado.

Dois fantoches vestidos de negro se abraçando, ao fundo, em frente a um painel que representa uma igreja escura.

NARRADOR: Mais ou menos cem anos depois, na época de 1450, os monastérios ainda estavam às moscas, mas agora havia uma diferença: a invenção magnífica de Gutenberg.

Passa ao fundo uma imagem da prensa, feita em madeira.

NARRADOR: Com isso, a igreja perdeu parte do poder sobre a disseminação do saber e se enfureceu, mas não só fracassou em tentar impedir a disseminação das informações como, nessa época, começou o contrabando de livros.

Dois fantoches ao fundo; um entrega discretamente um livro ao outro.

Muda o cenário para um castelo tipicamente inglês da era Tudor.

NARRADOR: Bloody Mary, ou Maria I, a sanguinária, foi a filha legítima/bastarda/rainha de Henrique VIII. Ao assumir o trono depois de seu irmão morrer muito jovem, Mary, para se assegurar de que a fé católica iria voltar a prevalecer na Inglaterra, criou, dentre outras medidas (incluindo matar protestantes à torto e direito – daí “Bloody Mary”), a Censura Real sobre tudo impresso na Inglaterra e ainda beneficiando as gráficas, para assegurar seu apoio.

Um fantoche de uma rainhazinha pequenina e gorda com uma cruz pendurada no pescoço tem uma pena na mão e um papel, riscando tudo; “censurando” tudo.

NARRADOR: Em 1557 foi criada a Companhia de Livreiros de Londres e o nome de seu monopólio era “copyright”. A demanda por leitura aumentou sensivelmente.

O fantoche de uma rainha ruiva e mais altiva toma o lugar do outro, mas o cenário de castelo permanece.

NARRADOR: Elizabeth I assumiu o poder em 1558 e governou de forma contrária à da irmã, mas se teve algo que não mudou foi o uso do copyright. Só que agora, ele era usado contra os católicos, para impedir que seus textos se disseminassem. Em 1641 foi abolido o tribunal que julgava o copyright. Em 1643, o tribunal do copyright volta, e mais rigoroso. Em 1645, o monopólio dos livreiros e do copyright é extinto. Os livreiros reagiram à abolição da censura e em 1710 passou a vigorar o novo monopólio.

Rainha Elizabeth sai. Fantoques carregando estantes de livros com cadeados ao redor, que representam o monopólio, entram e saem de cena conforme o copyright é abolido e reaceito.

Muda o cenário para o de uma biblioteca obscura.

NARRADOR: O copyright era para ser o ponto de equilíbrio entre o acesso público a culturas. Porém, os livros possuíam preços exorbitantes na Inglaterra, por conta do mesmo copyright, então só os ricos tinham acesso a eles. Os livreiros tentaram colocar as bibliotecas públicas na ilegalidade, mas isso não funcionou de maneira muito efetiva: em 1850 foi aberta a primeira biblioteca pública inglesa.

O cenário muda para um café francês e um fantoche do Victor Hugo se senta na mesinha.

NARRADOR: Victor Hugo tomou a iniciativa de criar condições menos desiguais dentro do monopólio do copyright. Porém, dando mais direitos aos autores, ele acabou por “empobrecer” o público leitor.

Sai Victor Hugo e passa uma plaquinha pendurada em uma corda com os dizeres: “Convenção de Berna”

NARRADOR: Em 1886 foi assinada a Convenção de Berna. Os EUA, na época, eram contra os direitos morais (que é algo diferente do copyright).

Muda o cenário e vários fantoches tocando jazz entram ao fundo.

NARRADOR: Nos anos 20 o debate do copyright se voltou para a música, e nos anos 30, com a grande depressão e a chegada do cinema falado, muitos músicos ficaram desempregados. A indústria fonográfica tentava, na época, se apropriar dos métodos de gravação e reprodução da música.

Muda o cenário para uma pizzaria italiana. Saem os músicos.

NARRADOR: Em 1933, na Itália, foi formada a IFPI.

Passa uma plaquinha com os dizeres “IFPI” pendurada.

NARRADOR: Em 1959, em Portugal, uma minuta de texto com uma proposta idêntica ao copyright foi apresentada à quem estava no congresso (que não poderia mais ser na Itália, após a guerra) e desde 1961 a indústria fonográfica defende ardorosamente o copyright.

Cenário muda para o de um escritório.

NARRADOR: Os EUA sentiram sua hegemonia ameaçada pela produção japonesa (os carros da Toyota).

Passam carrinhos ao fundo, no cenário.

NARRADOR: A empresa Pfizer se via sem situação semelhante, e foi na publicação de um artigo de seu presidente (que contou com toda a imprensa para divulgar sua indignação, como todo bom empresário dos tempos modernos), Edmund Pratt,

Passa fantoche do Edmund – homem de terno, bem vestido.

NARRADOR: Que veio com a solução: a criação de um comitê (ACTN) para promulgar o acordo de livre comércio. Qualquer país que não o assinasse, receberia o temido “relatório especial 301”.

Passa o relatório no varalzinho, com o escrito “301” em uma plaquinha.

NARRADOR: O problema é que todos os países já estavam nessa lista e os EUA precisavam de uma medida mais efetiva. Ao redefinir valores essenciais para a definição do que é um “produto valioso”, os EUA conseguiram definir a propriedade intelectual (a patente). Os negociadores americanos procuraram a OMPI e fizeram um novo tratado de comércio (o Berna Plus).

Aparecem vários fantoches de homens de negócio ao fundo, apertando as mãos e uma nova placa com os dizeres Berna Plus passa pelo varal.

NARRADOR: Porém, a OMPI não concorda com as reais intenções dos negociadores, e desiste do tratado.

Negociadores “chutam” os americanos.

NARRADOR: As indústrias americanas resolveram ir atrás de outro órgão (o GATT), e um novo tratado, que vigora até hoje (o TRIP’s) foi firmado.

Aparece plaquinha com os dizeres TRIP’s no varal.

NARRADOR: Esse tratado funcionou para o propósito inicial: pressionou os países do GATT, agora OMC,

Uma camiseta com os dizeres “OMC” veste um fantoche que já tinha uma camiseta com os dizeres GATT, mostrando a mudança.

NARRADOR: A assinarem o tratado. O problema desse tratado é o favorecimento dos países ricos em detrimento dos pobres. Isso gerou várias rebeliões para que concessões fossem feitas. A certa altura, a Rússia quis entrar para a OMC e tudo o que os EUA pediram foi o fechamento de uma lojinha de MP3, mesmo com todos os conflitos entre esses países.

Enquanto se falava, o cenário muda para o de uma lojinha e um fantoche com trajes russos e um fantoche de um americano típico apertam as mãos.

NARRADOR: Essa história está longe de terminar.

Aumenta o tom da música e a cortina vermelha se fecha.